

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	9
-----------------------------	---

INTRODUÇÃO

O profeta pródigo	11
-------------------------	----

UM

Fugindo de Deus (1.1-3a)	17
--------------------------------	----

DOIS

As tempestades do mundo (1.3b,4)	29
--	----

TRÊS

Quem é meu próximo? (1.5,6).....	37
----------------------------------	----

QUATRO

Aceitando o outro (1.7-10).....	47
---------------------------------	----

CINCO

O padrão do amor (1.11-17)	59
----------------------------------	----

SEIS

Fugindo da graça (1.17—2.10).....	71
-----------------------------------	----

SETE

Fazendo justiça, pregando a ira (3.1-10).....83

OITO

Tempestades do coração (4.1-4)95

NOVE

O caráter da compaixão (4.4-11)107

DEZ

Nosso relacionamento com a Palavra de Deus.....125

ONZE

Nosso relacionamento com o mundo de Deus.....143

DOZE

Nosso relacionamento com a graça de Deus.....187

EPÍLOGO

Quem contou a história?207

AGRADECIMENTOS

Embora minha esposa Kathy não seja coautora desta obra, ela foi a principal força por trás de sua publicação. Preguei sobre o livro de Jonas em três séries de sermões: uma vez em 1981, outra em 1991 e uma terceira vez em 2001. Apenas Kathy ouviu as três séries, e por anos ela quis que fossem transformadas em livro. É difícil pegar um conjunto de apresentações orais, cada qual especificamente direcionada para os ouvintes originais reunidos naqueles domingos, e transformá-las em uma narrativa escrita contínua que, não obstante, trace numerosas e variadas linhas de aplicação para questões e problemas contemporâneos. Ela fez com que eu voltasse aos esboços mais de uma vez, e trabalhou cuidadosamente com o manuscrito em todas as fases de edição.

Este é o primeiro de meus livros dedicado a uma figura “histórica” — o reverendo John Newton. Ele foi criado em um lar cristão, mas abandonou a religião e tornou-se comerciante de escravos, fugindo de Deus. Contudo, durante uma tempestade dramática no Atlântico, ele orou e começou uma jornada em direção a uma fé vibrante. Como Jonas, ele foi pregar na grande cidade. Mais tarde, veio a se tornar um proeminente sacerdote anglicano evangélico na cidade de Londres. Kathy e eu achamos suas cartas pastorais algo sem igual. Sua sabedoria prática, profundidade teológica e sua centralidade na graça nos ajudaram incessantemente ao longo de anos a fio, e às vezes nos momentos mais sombrios.

Quero, como de costume, agradecer àqueles que me propiciaram ótimos lugares e espaços para trabalhar e escrever, incluindo Ray e Gill Lane, do The Fisherbeck Hotel, em Ambleside, Cúmbria, no Reino Unido, e Janice Worth, de Palm Beach Gardens, Flórida, onde vários anos atrás escrevi os primeiros esboços deste livro. E, mais uma vez, agradeço a David McCormick e Brian Tart, cuja orientação editorial e literária tem sido fundamental para todas as minhas obras.

INTRODUÇÃO

O PROFETA PRÓDIGO

Como a maioria das pessoas criadas em lares cuja família frequenta uma igreja, conheço a história de Jonas desde a infância. Como ministro que ensina a Bíblia, no entanto, já passei por vários estágios de perplexidade e admiração diante desse pequeno livro. Sua diversidade de temas é um desafio para o intérprete. Ele parece tratar de uma *infinidade* de coisas.

Será que o livro trata de raça e nacionalismo, uma vez que Jonas parece estar mais preocupado com a segurança militar de sua nação do que com uma cidade de pessoas espiritualmente perdidas? Ou trata do chamado de Deus para a missão, uma vez que Jonas, a princípio, foge do chamado e depois volta atrás, mas se lamenta por isso? Gira em torno das lutas que os crentes enfrentam para obedecer e confiar em Deus? A resposta é sim, para todos esses temas — e para outros mais. Existem montanhas de estudos acadêmicos sobre o livro de Jonas que revelam a riqueza da história, as muitas camadas de sentido e sua variada aplicabilidade a uma parcela bem grande da vida e do pensamento humanos.¹

¹Um dos mais extensos estudos já feitos sobre todas as interpretações de Jonas ao longo dos anos encontra-se em Yvonne Sherwood, *A biblical text and its afterlives: the survival of Jonah in Western culture* (Cambridge: Cambridge University Press, 2000). Sherwood argumenta que os comentaristas tendem a usar o livro de Jonas para reforçar suas próprias crenças e pontos de vista. Isso certamente é verdade, mas é uma tese irônica para Sherwood, pois ela mesma usa o livro para promover uma

Descobri essa “variada aplicabilidade” à medida que preguei sobre o livro de Jonas, versículo por versículo, em três ocasiões diferentes de meu ministério. A primeira vez foi na primeira igreja que pastoreei, em uma pequena cidade operária do Sul dos Estados Unidos. Dez anos depois, preguei novamente sobre o livro de Jonas para centenas de jovens profissionais solteiros em Manhattan. E então, dez anos mais tarde, preguei sobre esse mesmo livro nos domingos que se seguiram à tragédia do 11 de setembro, na cidade de Nova York. Em cada caso, o contexto cultural e as necessidades pessoais dos ouvintes eram radicalmente diferentes, mas, ainda assim, o texto de Jonas estava mais do que à altura de poder abordá-los com vigor. Ao longo dos anos, muitos amigos me disseram que os sermões que ouviram sobre o livro de Jonas mudaram suas vidas.

A narrativa de Jonas induz o leitor a pensar nela como uma simples fábula que tem o relato do grande peixe como ponto dramático mais alto, senão inverossímil. Leitores mais atentos, no entanto, veem o livro como uma obra literária

agenda do final da era moderna, ou seja, a de que uma interpretação vale tanto quanto qualquer outra. Os primeiros comentaristas cristãos, como Jerônimo e Agostinho, viam Jonas como um tipo de Cristo. Muitos reformadores, entre eles Lutero, viam Jonas como um judeu nada disposto a alcançar os gentios, o que evidencia uma falha de Israel em compreender o evangelho e em ser testemunha dele para as nações. Do Iluminismo em diante, uma abordagem importante ao livro de Jonas era criticar ou defender a plausibilidade da história, particularmente o incidente com o peixe. Uma via mais recente de interpretação é a análise literária, segundo a qual o livro de Jonas muitas vezes é classificado como sátira ou comédia. Cada uma dessas linhas interpretativas traz pontos importantes e fornece *insights* fundamentais para a compreensão do texto.

criativa e artisticamente trabalhada. Seus quatro capítulos relatam dois episódios. Nos capítulos 1 e 2, Jonas recebe uma ordem de Deus, mas não a obedece; nos capítulos 3 e 4, ele recebe novamente a mesma ordem e dessa vez a obedece. Os dois relatos estão dispostos em padrões quase que completamente paralelos.

CENA 1

Jonas, os pagãos e o mar

CENA 2

Jonas, os pagãos e a cidade

JONAS E A PALAVRA DE DEUS

- | | |
|-------------------------------------|-------------------------------------|
| 1.1 A Palavra de Deus chega a Jonas | 3.1 A palavra de Deus chega a Jonas |
| 1.2 A mensagem a ser transmitida | 3.2 A mensagem a ser transmitida |
| 1.3 A resposta de Jonas | 3.3 A resposta de Jonas |

JONAS E O MUNDO DE DEUS

- | | |
|---|---|
| 1.4 A palavra de advertência | 3.4 A palavra de advertência |
| 1.5 A resposta dos pagãos | 3.5 A resposta dos pagãos |
| 1.6 A resposta do líder pagão | 3.6 A resposta do líder pagão |
| 1.7ss Como a resposta dos pagãos foi, em última análise, melhor do que a de Jonas | 3.7ss Como a resposta dos pagãos foi, em última análise, melhor do que a de Jonas |

JONAS E A GRAÇA DE DEUS

- | | |
|--|---|
| 2.1-10 Como Deus ensinou graça a Jonas por meio do peixe | 4.1-10 Como Deus ensinou graça a Jonas por meio da planta |
|--|---|

Apesar da sofisticação literária do texto, muitos leitores dos nossos dias ainda rejeitam a obra porque o texto nos diz que Jonas foi salvo da tempestade ao ser engolido por um “grande peixe” (Jn 1.17). Como se reage a isso depende de como se lê o restante da Bíblia. Se você aceita a existência de

Deus e a ressurreição de Cristo (um milagre muito maior), então não há nada particularmente difícil sobre a leitura literal de Jonas. Muitas pessoas hoje, certamente, acreditam que todo e qualquer milagre seja impossível, embora esse ceticismo não passe disto: é, em si, uma crença que não pode ser comprovada.² E não apenas isso, mas o texto não revela evidências de que o autor tenha inventado o relato milagroso. Quem escreve ficção normalmente adiciona elementos sobrenaturais para gerar empolgação ou deslumbramento e, com isso, captar a atenção do leitor; o autor do livro de Jonas, porém, não tira proveito do episódio dessa maneira. O peixe é mencionado apenas em dois breves versículos e sem detalhes descritivos. O episódio é relatado mais como um simples fato que aconteceu.³ De modo que ninguém se deixa distrair pelo peixe.

A estrutura metódica do livro revela nuances da mensagem do autor. Ambos os episódios mostram o modo pelo qual Jonas, um crente fiel e religioso, considera e se relaciona com pessoas de raça e religião diferentes das dele. O livro de Jonas transmite muitas percepções sobre o amor de Deus por sociedades e pessoas não pertencentes à comunidade de crentes; sobre sua oposição ao nacionalismo tóxico e ao desprezo por outras raças; e sobre como estar “em missão”

²Para um estudo exaustivo a favor dos milagres bíblicos, veja a obra em dois volumes de Craig S. Keener, *Miracles: the credibility of the New Testament accounts* (Grand Rapids: Baker Academic, 2011).

³David W. Baker; T. Desmond Alexander; Bruce K. Waltke, *Obadiah, Jonah, and Micah: an introduction and commentary*, Tyndale Old Testament Commentaries (Downers Grove: InterVarsity Press, 1988), vol. 26, p. 123.

no mundo, a despeito do poder sutil e inevitável da idolatria que trazemos em nosso coração e vida. Compreender essas percepções pode nos transformar em pessoas que constroem pontes, que são pacificadoras e agentes de reconciliação no mundo. É dessas pessoas que o mundo precisa hoje.

No entanto, com o objetivo de entender todas essas lições para aplicá-las em nossos relacionamentos sociais, temos de ver que o principal ensinamento do livro não é sociológico, mas, sim, teológico. Jonas quer um Deus de acordo com sua própria preferência, um Deus que simplesmente destrói os maus como, por exemplo, os ninivitas, e abençoa os bons como, por exemplo, Jonas e seus compatriotas. Quando o verdadeiro Deus — não esse deus falsificado de Jonas — continua a se manifestar, o profeta é lançado em fúria e desespero. Jonas vê o Deus real como um enigma, pois não consegue conciliar a misericórdia e a justiça de Deus. Jonas se pergunta: “Como Deus pode ser misericordioso e perdoar pessoas que praticaram tamanha violência e mal? Como Deus pode ser *as duas coisas*, misericordioso e justo?”.

Essa pergunta não é respondida no livro de Jonas. No entanto, como parte da Bíblia como um todo, o livro de Jonas é semelhante a um capítulo que impulsiona o enredo geral das Escrituras. Ele nos ensina a olhar para o futuro e ver como Deus salvou o mundo por meio daquele que se dizia maior que Jonas (Mt 12.41), a fim de que pudesse ser justo e também justificador daqueles que creem (Rm 3.26). Somente quando nós, leitores, compreendermos inteiramente esse evangelho é que não seremos nem exploradores cruéis

como os ninivitas, nem crentes farisaicos como Jonas, mas, sim, homens e mulheres à imagem de Cristo, transformados pelo Espírito.

Muitos dos que estudaram o livro notaram que, na primeira metade, Jonas interpreta o “filho pródigo” da famosa parábola de Jesus (Lc 15.11-24), o qual fugiu de seu pai. Na segunda metade do livro, no entanto, Jonas é como o “irmão mais velho” (Lc 15.25-32), o qual obedece ao pai, mas o censura por ser gracioso para com pecadores arrependidos. Assim como a parábola termina com uma pergunta do pai ao filho farisaico, o livro de Jonas termina com uma pergunta ao profeta farisaico. O paralelo entre as duas histórias, algo que o próprio Jesus pode ter tido em mente, é a razão do título deste livro, *O profeta pródigo*.

UM FUGINDO DE DEUS

Ora, a palavra do SENHOR veio a Jonas, filho de Amitai, dizendo: “Levante-se, vai a Nínive, aquela grande cidade, e proclama contra ela, porque a sua maldade subiu perante minha face”. Jonas levantou-se, porém, para ir para Târsis, fugir da face do SENHOR (Jn 1.1-3a).¹

O emissário improvável

Nossa história começa quando “a palavra do Senhor veio” a Jonas. Essa é a maneira habitual de começar um relato sobre um dos profetas bíblicos. Deus os usava para transmitir suas palavras e mensagens a Israel, especialmente em tempos de crise. Não obstante, já no versículo 2, os leitores originais devem ter percebido que essa era uma narrativa profética diferente de qualquer outra que já tinham ouvido antes. Deus chamara

¹A tradução do livro de Jonas que uso ao longo de toda obra é derivada do meu próprio trabalho exegético e daqueles estudiosos com maior habilidade em hebraico do que eu. Mas é fortemente influenciada pelas ideias de Jack M. Sasson, *Jonah: a new translation with introduction, commentary, and interpretation*, The Anchor Bible (New York: Doubleday, 1990); e Phyllis Trible, *Rhetorical criticism: context, method, and the book of Jonah* (Philadelphia: Fortress, 1994). Todas as citações do livro de Jonas, portanto, são traduzidas por mim. Todas as demais citações do restante da Bíblia são indicadas *in loco*.

Jonas e dissera para ele: “vai a Nínive, aquela grande cidade, e proclama...”. Isso era algo impressionante sob vários aspectos.

Primeiro, era chocante por ser um chamado para um profeta hebreu deixar Israel e sair em busca de uma cidade gentia. Até então, os profetas haviam sido enviados apenas para o povo de Deus. Embora Jeremias, Isaías e Amós tenham proferido uns poucos oráculos proféticos dirigidos a nações pagãs, foram todos breves, e nenhum desses profetas foi enviado para pregar de fato às nações. A missão de Jonas era algo sem precedentes.

Ainda mais chocante era o fato de que o Deus de Israel quisesse avisar Nínive, capital do Império Assírio, da desgraça iminente. A Assíria foi um dos impérios mais cruéis e violentos dos tempos antigos. Os reis assírios frequentemente registravam os resultados de suas vitórias militares, regozijando-se com satisfação maligna diante de planícies inteiras forradas de cadáveres e de cidades totalmente incendiadas até o chão. O imperador Salmaneser III é notório por retratar, nos mais horrendos detalhes, atos de tortura, desmembramento e decapitações de inimigos em grandes painéis de pedra esculpidos em alto-relevo. A história da Assíria é “tão sangrenta e sanguinária quanto ouvimos”.² Depois de capturar inimigos, os assírios normalmente cortavam-lhes as pernas e um braço, e deixavam o outro braço para poderem cumprimentar a vítima, apertando-lhe a mão

²Erika Bleibtreu, “Grisly Assyrian record of torture and death”, *Biblical archaeology Review* January/ February 1991, p. 52-61, citado em James Bruckner, *The NIV application commentary: Jonah, Nahum, Habakkuk, Zephaniah* (Grand Rapids: Zondervan, 2004), p. 28.